

385

«FERNANDO (TALVEZ) PESSOA», uma peça assinada por Jaime Salazar Sampaio exhibe-se no Teatro Nacional. O encenador, Artur Ramos, em entrevista a «o País», disse-nos que a peça é uma «visita guiada através da obra e vida de Fernando Pessoa, que oscila entre o naturalismo e o quase onirismo». Para o encenador este é «um grande espectáculo, divertido e que não tem nada de chato»... enfim «um espectáculo à medida dos recursos materiais e humanos do Teatro D. Maria II».

Texto de Edite Martins de Carvalho

«o País» — Porquê o «talvez» de «Fernando (talvez) Pessoa»?

Artur Ramos — Existe uma polémica à volta da relação entre o Pessoa poeta e o Pessoa pessoa. Ao contrário da posição que Jorge de Sena assume, de que Pessoa é «o homem que nunca existiu», eu valorizo o Pessoa como homem.

E a peça é justamente a posição intermediária entre a defendida pelo Jorge de Sena e a minha própria posição. Tenho em abono da minha tese, os escritos publicados em vida de Fernando Pessoa, que tinham um carácter de intervenção política e sociológica. Artigos que demonstram um homem que tomou parte em todas as batalhas ideológicas importantes da sua época, um homem que assistiu à implantação da República e que morreu quando o fascismo já estava instalado no Poder. Um homem que, por exemplo, teve a coragem de escrever um artigo em defesa da maçonaria, quando um projecto de lei extinguia a maçonaria em Portugal, na Assembleia Nacional. Um homem que tomou estas posições não é «talvez», mas é pessoa mesmo.

— Onde se situa esta peça?

AR — É uma oscilação entre o naturalismo e o quase onirismo. Um grupo de Teatro Independente de Teatro em Organização (GITO) reúne-se para fazer uma peça sobre Pessoa. Poé um anún-

cio no jornal pedindo actores, aparecem alguns. Ensaia a peça. Existem problemas com o subsídio...

— Faz-se uma crítica às condições dos grupos de teatro em Portugal?

AR — Não é esse o objectivo da peça, mas também acontece. É uma beliscadura sem importância sem importância à Secretaria de Estado da Cultura sobre as condições dos grupos de teatro independentes.

— Ao valorizar o homem que é Fernando Pessoa, até que ponto é que foca a parte amorosa da vida dele?

AR — Também a vida amorosa está na peça. Existe uma cena de Ophélia, concebida pela própria Ju, membro do grupo de teatro. Demonstra-se a inaptidão de Pessoa para o acto de amor. Na esfera humana, primorosamente bem representada pela Ju. Na esfera poética, inserem-se «O Pastor Amoroso» e «Poemas Ingleses».

— Concretamente, qual o objectivo desta peça?

AR — Fazer uma visita guiada através da vida e obra de Fernando Pessoa, que permita delas um maior conhecimento, a um público o mais vasto possível. Penso que este objectivo terá sido conseguido graças aos meios que foram postos à disposição do espectáculo. As infraestruturas do D. Maria, instalações e o seu

peçoal de apoio, a equipa técnica (constituída por técnicos de primeira água), o valor do elenco e a felicidade que eu tive em

— E se esta peça fosse representada por um grupo independente, o que pensa que aconteceria?

que até agora se tem feito no Nacional?

AR — Bem... Lembro-me de ver aqui dois espectáculos diver-

peços como o António Vitorino de Almeida, a Emília Nadal e outros.

— Enquadra esta peça num género teatral?

AR — Ainda existem géneros teatrais!... Em que género teatral é que se inclui o Falstaff, das Alegres Comadres de Windsor. As etiquetas aristotélicas acabaram. Esta peça, por exemplo, é a confissão de que o teatro não cabe em géneros.

— Que pensa vir a ser a aceitação de «Fernando (talvez) Pessoa»?

AR — A aceitação virá a ter, não sei. Mas como já atrás disse, concebi esta peça com o objectivo de chegar ao mais vasto leque de público.

— Não será o Teatro Nacional por si só, uma barreira ao público que pretende atingir?

AR — O Teatro Nacional ainda é uma barreira, mas nós tentamos vencer essa barreira.

— Como é que o Artur Ramos encena, neste momento, uma peça no D. Maria?

AR — Tenho sido marginalizado. Porém, graças ao 25 de Abril, não sou perseguido. Sinto horrivelmente a falta de não poder trabalhar para a TV. E eu sou um homem de televisão, pois faço coisas para muita gente e esse é o meio que alcança mais pessoas. Mas sinto-me realizado como encenador de teatro e de cinema, embora esta minha acção seja mais restrita. A encenação é o que me fornece o momento mais exaltante destes três «me-
dia».

No Teatro Nacional

«Fernando (talvez) Pessoa»



conseguir um grupo de colaboradores centrais esplêndidos, contribuíram para fazer desta peça um grande espectáculo, divertido e variado, que não tem nada de chato, e de um intenso rigor. Um espectáculo à medida dos recursos materiais e humanos do Nacional.

AR — Não resultaria. Se fosse representada por um grupo de teatro independente não se atingiria esta riqueza, pelo facto desses grupos não terem condições suficientes.

— O facto de esta peça «não ter nada de chato» significa uma quebra, relativamente ao

tidos. Mas também tenho aqui visto alguns, chatos, que, obviamente, não lhe digo quais foram.

— Como é que se pode fazer um espectáculo divertido sobre o Fernando Pessoa?

AR — Recorrendo à imaginação teatral; à sintonia entre um texto de base e à colaboração de